

Conversámos com a Cristina Reis em 2016, no Teatro da Cornucópia. Encontrava-se numa fase de mudanças, a pensar no que fazer com todo o trabalho acumulado. Falou no presente e raras vezes as suas palavras revelaram nostalgia pelos acontecimentos que se misturavam com a história da companhia, a sua casa por mais de 40 anos.

Começámos pelo seu percurso como estudante de pintura nas Belas Artes, pelo gosto de “fazer com as mãos”, a par dos tempos em que frequentou a experiência de ensino informal no atelier de Daciano da Costa (1961): “as coisas foram acontecendo...”. Cristina Reis tinha bem presentes esses anos de aprendizagem e formação, do privilégio que a vida lhe tinha oferecido, e da vontade de mudança: “Eu já estava a trabalhar [no atelier do Daciano] e o normal seria ficar por ali. Mas, fugi daqui para fora. Queria experimentar outra coisa”. Por isso, resolveu rumar a Inglaterra para estudar Design Gráfico (1967-1970), numa altura em que não existia essa possibilidade em Portugal. Regressaria à chamada de Maria Helena Matos e Alda Rosa [ver ERRATA-08], colega de curso, para preparar a 1ª Exposição de Design Português. “Trabalhei sempre com as pessoas juntando-me às coisas” — disse, enquanto conversámos longamente sobre essas *peessoas* e essas *coisas* — o trabalho no Instituto Nacional de Investigação Industrial, o Design de Exposições, a Cooperativa Dez.

Chegada à Cornucópia em 1975, começou por fotografar os ensaios para depois trabalhar nos cenários e nos materiais gráficos. O trabalho era muito e “havia meios para o fazer — meios pessoais — éramos capazes de fazer, fazíamos (...) Era preciso fazer cartazes, era preciso fazer textos, era preciso fazer. (...) Fui sempre juntando tudo, sem muita preocupação da especialização ou da carreira”. Desvendou os processos colaborativos, desde o logotipo — que, corrigiu, “não é meu, é do Luís Miguel” — aos primeiros cartazes caligráficos — desmontando o modo de identificar autorias e alterando a forma como as questões eram colocadas; retirámos, pois, da conversa a abordagem rígida das tarefas definidas. Baralharam-se as certezas na procura de quem fez o quê, “não se pensava assim”. O *seu* trabalho é, e foi, feito de complexidades e cruzamentos: com as pessoas, primeiro, depois, com as necessidades variadas: “Queres ajudar? — Sim. Pronto, fiquei aqui, nunca mais saí. A partir de uma certa altura, além de tomar conta dos destinos aqui da casa, com o Jorge e com o Luís, fui fazendo as artes gráficas”.

Cristina Reis falou das particularidades do seu trajeto — “tive a sorte de não me ser exigido nada ... os compromissos, os clientes, a vida ... Eu nunca tive o interesse de ter um

*atelier*. Preferia uma coisa mais móvel, um espaço pequeno, com uma cadeira e uma mesa — na altura mais um telefone, se fosse possível — boas condições, mas sem o entusiasmo do último grito. Uma boa luz e a cabeça a funcionar é o suficiente”. O trabalho ganha outro corpo neste contexto de fazer e de partilha, durante os anos que foi elemento interno da pequena estrutura, onde o seu trabalho foi muito além dos cartazes — com autonomia e sem medo — “deixavam-me experimentar e fazer e, eu, adaptava-me às circunstâncias”.

Parece simples, mas não é. Não havendo uma organização rígida torna-se complexo analisar a dispersão do seu fazer, que não se encerra nas tarefas estanques, nos cargos, nas profissões. No processo, tal como no palco, o ensaio começa com o texto. O desenho alimenta a experiência de desdobramento aos vários suportes — esboços, fotografias, maquetes. Na mesa de trabalho, encontram-se possibilidades de leitura do material que contra-argumenta entre si a palavra e a imagem, nem sempre consistente ou concordante (deveria ser?). A extensa atividade de Cristina Reis devolve mais perguntas do que respostas sobre os modelos e identidades profissionais e não se sintetiza numa seleção de trabalhos: 40 anos a trabalhar para a mesma entidade. Seria possível hoje este modelo de produção em design gráfico?

Trabalhando num coletivo, a sua ação é ainda assim individual e singular — “faço as coisas como quero fazer” — e resulta do encontro dessas compatibilidades. Estão ali expostas as experiências, as metodologias e as circunstâncias que fazem parte de um gosto pelo caminho, pela indisciplina, sem medo de deceções “porque era preciso fazer”. Aprendemos a gostar do trabalho de Cristina Reis à medida que melhor conhecemos a sua extensão, a diversidade de linguagens e recursos, por não ser fácil de resumir. Por demonstrar que todo o portfólio, o trabalho e a vida, são construídos por insistência e erro.

Se o percurso profissional de Cristina Reis continuar a não ser suficiente para integrar uma das histórias do design gráfico em Portugal, isso continuará a dizer pouco sobre esta designer — a não dizer nada sobre a validade, e o apreço pelo seu trabalho — para dizer muito sobre as invisibilidades presentes nos processos historiográficos e sobre aqueles que mantêm deliberadamente tais apagamentos. Ainda que Cristina Reis seja omissa nessa inscrição e tenha fugido a um lugar de destaque, é e será uma referência para as designers mulheres questionarem a sua própria prática.

*Joana Baptista Costa, Mariana Leão, 2021*